



**Universidade:
presente!**

UFRGS
PROPEAQ



XXXI SIC

21. 25. OUTUBRO • CAMPUS DO VALE

Evento	Salão UFRGS 2019: SIC - XXXI SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2019
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	Devir-animal, contágio e a matilha de multiplicadores - formando trabalhadores em Clínicas do Trabalho
Autor	CAROLINE NAVARINI E SÁ
Orientador	FERNANDA SPANIER AMADOR

Devir-animal, contágio e a matilha de multiplicadores - formando trabalhadores em Clínicas do Trabalho.

Autora: Caroline Navarini e Sá - UFRGS

Orientadora: Fernanda Spanier Amador - UFRGS

Tomando como ponto de partida a experiência acompanhada no contexto da Socioeducação, discorro este ensaio no intuito de colocar em análise o processo de formação em Clínicas do Trabalho e os efeitos de uma pesquisa-intervenção neste cenário. Como pista, me apego à discussão acerca da formação de multiplicadores nesta perspectiva e de que modo a noção de contágio, como apontado por Deleuze e Guattari¹, torna-se essencial para a produção de coletivos de análise, aqui narrados em seu efeito de proliferação. Multiplicadores estes atravessados por afetos em relação ao trabalho e ao coletivo, como a “efetuação de uma potência de matilha” (p. 21). Em princípio, defino multiplicadores assim como indicado no estudo sobre as Comissões de Saúde do Trabalhador da Educação (COSATEs), realizadas no Espírito Santo². A noção de multiplicadores, a ser adaptada no contexto da Socioeducação, se remete à uma nuance da formação de trabalhadores que os coloca como forças potencializadoras no debate político sobre o trabalho. Essa pesquisa-intervenção no contexto socioeducativo da FASE-RS³, parte de um projeto guarda-chuva denominado “Trabalho, Subjetivação e Clínica - Educação e Saúde em Análise”, desenvolvido pelo grupo de pesquisa n-Pista(s), Núcleo de Pesquisa Instituições, Subjetivação e Trabalho em Análise (s), vinculado ao Instituto de Psicologia da UFRGS. Entre as ações desenvolvidas através do projeto, houve a construção de seminários teóricos acerca das Clínicas do Trabalho, junto à Diretoria de Qualificação Profissional e Cidadania (DQPC) e posteriormente a Diretoria Socioeducativa (DS). Além disso, houve a entrada de uma mestranda no contexto de uma casa de acolhimento provisório e diversas reuniões preparatórias e processuais, para a constituição e análise de demanda até iniciarem os grupos de análise dos processos de trabalho com trabalhadores e trabalhadoras da referida casa. Ao longo das ações, foram percebidos efeitos quanto a construção de meio para a análise de seu próprio trabalho, reverberando na construção de grupos e ações autônomas dos participantes. Além disso, a narrativa acerca do enclausuramento e da complexidade de suas experiências de trabalho, foram potencializadoras dos encontros, surgindo em seu efeito de contágio, em seus devires medrosos e brutais. Na potência dos afetos acessados a partir da análise do trabalho, protagonizada pelo corpo como meio, fez-se e ainda se faz possível a continuidade dos processos iniciados na formação, ampliando e disseminando os temas, bem como dando lugar ao desenho de novas ações pela pesquisa pelo protagonismo dos trabalhadores e das trabalhadoras, de modo a produzir matilhas nos campos de trabalho. Assumir o devir-animal, como proposição oferecida por Deleuze e Guattari, é dar passagem à quebra das ações rotineiras e “nos coloca no seio de microscópicas confrarias ocultas, de bandos que animam campos de batalhas, de matilhas que correm na escuridão das florestas” (Gomes, 2002)⁴. É fazer tensão aos planos do encarceramento e da violência - tanto dos adolescentes, quanto dos trabalhadores deste espaço - colocados constantemente nas reuniões de formação e sustentar os afetos mais animais, da matilha, do coletivo, que acabam por reverberar na ampliação do poder de ação desses trabalhadores. Assumir o devir-animal, amplia as análises do

¹ DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia. Vol. IV. São Paulo, Ed. 34. 1997.

² GOTARDO, Suzana Maria et al. O processo de formação de comissões de saúde do trabalhador da educação: experiência e política. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 50, n. 2, p. 334-353, dez. 2016. ISSN 2178-4582.

³ Fundação de Atendimento Socioeducativo do Rio Grande do Sul

⁴ GOMES, Paola Basso Menna Barreto. Devir-Animal e Educação. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 27, n. 2, p. 59-66, jul./dez. 2002.

trabalho enquanto atividade, que se produzem no entendimento de uma gestão contínua entre o Trabalho Prescrito e o Trabalho Real⁵. Coloca-se o plano dos afectos em suas potencialidades, para um cuidado do ofício, num processo de desterritorialização e reterritorialização, produzido pelas fugas destes trabalhadores. As múltiplas tentativas de contenção do animal-corpo deste trabalhador, como uma redução de seu poder de agir, entre domesticá-lo, amordaçá-lo, confiná-lo, capturá-lo, colocam-se expostas e frágeis nas fugas contínuas dos planos civilizatórios, que passam inclusive pelas análises em saúde do trabalhador, baseadas na recuperação individualizante da saúde. Essas fugas implicam na criação de um mundo, sustentado pelo contágio dos afectos deste devir-animal, que deseja ser livre.

⁵ AMADOR, Fernanda Spanier. Psicologia, Trabalho e Gestão?. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro , v. 69, n. 2, p. 21-33, 2017 .